



CONJUNTURA

Hood Robin

Se 50 milhões de indigentes incomodam muita gente, R\$ 14 incomodam... incomodam... muito mais! Este pequeno grande número se refere ao valor mínimo médio mensal por indivíduo para se pôr fim à fome. Rateamos o menor valor de transferências em direção aos miseráveis capaz de içar cada indigente ao piso de suas necessidades calóricas. Os R\$ 14 deveriam funcionar apenas como uma referência ao custo de oportunidade social das políticas públicas. Uns interpretaram como se a FGV lançasse uma campanha na linha daquela concebida pelo Betinho, há alguns anos. Seguindo o mote, lançaram a idéia de se cobrar uma taxa adicional de 5% sobre as despesas em restaurantes como forma de financiamento de uma campanha contra fome. A capacidade de geração de fundos desta iniciativa seria limitada a 0.13% da renda das famílias – menos de 3.3% dos recursos necessários para a empreitada. Agora, um pesquisador do Ipea propôs que os fundos necessários para o fim da miséria seriam providos por uma alíquota de imposto de 100% sobre a renda das famílias que superam R\$ 8.5 mil mensais – um teto de riqueza. O último que tentou algo do gênero em 1990, movido por outras motivações, provocou a maior recessão da história documentada brasileira e um precedente perigoso. Pior que um calote, é um calote anunciado. Pois o último compartilha de todas as desvantagens do primeiro, sem alcançar as fontes de financiamento desejadas. Se fosse anunciado, o capital dos brasileiros abastados tenderia a migrar para outros países. Destino semelhante aos trabalhadores de alta produtividade. Além da massiva fuga de capital e de cérebros, teríamos um brutal desestímulo ao trabalho e à formalidade para o restante da elite que aqui permanecesse. No fim, a riqueza cairia mas a miséria subiria, como em 1990-91.